



Franco Fagioli no protagonista de "Sesto", com Maxim Emelyanychev (ao cravo) dirigindo Il pomo d'oro

MÁRCIA LESSA

Viva Handel (sem trema...)

Esta vez foi a estrela (o contratenor argentino Franco Fagioli) e não o compositor (o inglês de origem alemã George Frederick Handel, 1685-1759) que ocupou o topo do cartaz. “Serse” (1738) é hoje uma das óperas mais apreciadas de Handel, mas só foi cantada no São Carlos em 1977 (em alemão, pela Ópera de Leipzig, na encenação de Joachim Herz). Desconfio que há duas razões para tal popularidade: a celeberrima ária ‘Ombra mai fù’, muito conhecida na sua versão instrumental, o *Largo* (aliás, *Larghetto*) de Handel; mas também a comicidade de índole veneziana, estimulada por Elviro, criado de Arsamene (irmão do protagonista, rei da Pérsia). Uma ópera de amores e desamores, trocas e baldrocas, ciúme, inveja e corações ingratos, complicada pelo exercício de poder. Um par de irmãos, Serse e Arsamene, amam a mesma mulher, Romilda; um par de irmãs, Romilda e Atalanta amam Arsamene; Amastre é a noiva egípcia desprezada de Serse. Aponta para “Così fan tutte”, com Romilda fiel e sólida como uma rocha, e Atalanta pronta para encontrar um amante em

qualquer lado, até entre os músicos da orquestra (ária: ‘Un cenno leggiadretto’), seguindo a filosofia de Despina.

A ópera começa comicamente com Serse a declarar a sua afeição à sombra de um plátano que lhe responde com o seu farfalhar. O episódio é histórico. Heródoto relata no Livro 7º das suas “Histórias” que Xerxes (rei da Pérsia entre 485-465 a.C.) adorava um plátano, a que pôs guarda e mandou enfeitar com ornamentos de ouro. O libreto original foi primeiro utilizado pelo veneziano Francesco Cavalli em “Xerse” (1655), e quase meio século depois, em versão modificada, por Giovanni Bononcini, o grande rival de Handel na Londres dos anos 1720. Não é a única ópera relativamente cómica de Handel – “Partenope”



HANDEL: SERSE

Fagioli (ct), Genaux (ms), Kalna (s), Galou (ms), Wolf (bb), Aspromonte (s), Pizzuti (bar), Emelyanychev (cr, d), Il pomo d'oro Gulbenkian, Lisboa, 28 de outubro

(1730) e mesmo “Agrippina” (1709) têm a sua graça — mas é, talvez, das mais fluidas, com os recitativos reduzidos ao mínimo, arietas e baladas, e árias *da capo* reservadas apenas para os momentos cruciais do drama. Foi recentemente gravada pela Deutsche Grammophon com a orquestra barroca Il pomo d'oro e Fagioli no protagonista, e o concerto na Gulbenkian fez parte da itinerância europeia e japonesa de apresentação dos discos. O que se viu no domingo foi uma versão semicênada (sem dispensa das partituras), aproveitando a bela vista sobre o jardim; o que se ouviu foi uma récita com cortes de quase meia hora de música e sem a participação do coro (nada a opor!), mas inevitavelmente alongada pelas afinações nos finais dos II e III atos. Tenho para mim que nenhum outro compositor chegou aos píncaros de Handel na expressão, por meios estritamente musicais, da infinita variedade e profundidade dos sentimentos humanos. Ora ao cravo ora de pé com gestualidade exuberante, Maxim Emelyanychev atacou vigorosamente a partitura, transportando-nos às delícias quase demoníacas dos extremos da dinâmica. Num papel composto para o *castrato* Caffarelli (mencionado por Bartolo no “Barbiere” de Rossini), Fagioli respondeu da melhor maneira: impetuoso e volátil no comportamento, e assombroso na coloratura (que abraça quase três oitavas). A grande ária de bravura, ‘Se bramate d’amar chi vi sdegna’, que se segue ao comovido dueto com Romilda a meio do II ato, foi um bom pretexto para o (único) intervalo. Como se esperava, ‘Crude furie degl’ orridi abissi’, quase no final, levou o público ao rubro! Num elenco de alto coturno (sublinhado pelos estilos de Vivica Genaux em Arsamene) não há quase reparos a fazer. Sim, Genaux já não consegue projetar o registo grave como outrora, mas o estilo e musicalidade continuam impecáveis. A Romilda da letã Inga Kalna foi um modelo de serenidade e beleza vocal, enquanto o timbre sombrio (e digno) da francesa Delphine Galou se ajustou perfeitamente à condição da repudiada Amastre. Piscando o olho aqui e ali, Francesca Aspromonte fez uma Atalanta perfeita (atirando-se no *lieto fine* a Elviro). As excelentes vozes graves de Biagio Pizzuti (Elviro) e Andreas Wolf (Ariodate, pai de Romilda e Atalanta) remataram em triunfo a distribuição. Uma grande noite de ópera! / JORGE CALADO